

Vol XIII, Núm 1, jan-jun, 2021, pág. 54-71.

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO COMO CRÍTICA DE SI MESMA: APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA

Marcos Vinícius de Oliveira Monteiro
Marcos Murrelle Azevedo Cruz

RESUMO

Tendo em vista o cenário da Alemanha do século XIX, o qual passava por inúmeras mudanças políticas e econômicas, Nietzsche estabelece uma análise das novas tendências culturais. No conjunto de suas formulações está a crítica aos estabelecimentos de ensino de sua época, que na sua visão, não eram capazes de operar as transformações que a sociedade tanto almejava, a não ser de transformar a massa de rebanho em aristocrata. Nesse sentido, a proposta dessa pesquisa é o de explicitar o encadeamento entre os conceitos presentes na análise nietzschiana: a crítica, a educação e aristocracia, expondo as suas fundamentações e as suas consequentes relações para formulação do conceito de cultura. Para alcançar tal objetivo foi utilizado o método teórico-interpretativo, mediante consulta bibliográfica buscando explicitar as definições de conceitos nos escritos do próprio Nietzsche e de seus comentadores. A partir de tal estudo é possível avançar na compreensão de conceitos centrais na filosofia de Nietzsche, como o gênio, educação e cultura, a aristocracia para formular discussões importantes para a educação contemporânea como a evasão escolar, a democratização do ensino e o desenvolvimento de concepções de aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Estabelecimentos de ensino. Cultura. Educação.

RESUMEN

En vista del escenario del siglo XIX de Alemania, que estaba experimentando numerosos cambios políticos y económicos, Nietzsche establece un análisis de las nuevas tendencias culturales. En el conjunto de sus formulaciones se encuentra la crítica de los establecimientos educativos de su tiempo, que en su opinión, no pudieron operar las transformaciones que la sociedad anhelaba, excepto para transformar la masa de rebaño en un aristócrata. En este sentido, el propósito de esta investigación es hacer explícito el vínculo entre los conceptos presentes en el análisis nietzscheano: crítica, educación y aristocracia, exponiendo sus fundamentos y sus consecuentes relaciones para la formulación del concepto de cultura. Para lograr este objetivo, se utilizó el método teórico-interpretativo, mediante consulta bibliográfica, buscando explicar las definiciones de conceptos en los escritos del propio Nietzsche y sus comentaristas. A partir de este estudio, es posible avanzar en la comprensión de los conceptos centrales de la filosofía de Nietzsche, como el genio, la educación y la cultura, la aristocracia para formular debates importantes para la educación contemporánea, como el abandono escolar, la democratización de la enseñanza y el desarrollo de conceptos. proceso de aprendizaje.

Palabras clave: establecimientos educativos. Cultura. Educación.

INTRODUÇÃO

Em seus *Escritos sobre educação*, Nietzsche estabelece uma relação clara entre cultura e educação: a primeira influencia a segunda, e os indicativos da segunda são como sintomas de elevação ou decadência da primeira. Ao analisar a sua época, o pensador observa que a tendência cultural chancelada pelo fantasma estatal está deteriorando os estabelecimentos de ensino alemães, que corrompiam a sua gênese, as suas finalidades criando para ele falsas necessidades. Explicitando a sua crítica, o filósofo alemão vai delineando o que para ele seria a verdadeira cultura e, conseqüentemente, o verdadeiro papel dos estabelecimentos de ensino na formação de homens capazes de criticar o seu tempo.

É possível depreender da análise do autor uma tese: toda a educação deve ser crítica de si mesmo, sendo a crítica uma faceta da educação aristocrática. Esse modelo educacional consiste na formação de um grupo seletivo de homens capazes de verdadeiramente compreender e participar da cultura. Assim sendo, a questão que se coloca é, como sendo a crítica restrita pelo modelo aristocrático de educação, quem seria capaz de fazê-la? Tendo em vista a tese central e a problemática levantada, consideramos importante introduzir alguns conceitos centrais no pensamento de Nietzsche: educação e cultura, a natureza e a sua constituição aristocrática, e por fim, o gênio.

Entre cultura e educação existe uma relação clara de influência da primeira sobre a segunda: as modificações políticas e administrativas sustentadas na cultura criam novas necessidades e finalidades para os estabelecimentos de ensino. Para compreender tal influência é, antes de tudo, necessário entender o contexto histórico da Alemanha do século XIX, pois dele emerge a dicotomia entre a cultura verdadeira e a pseudocultura.

A cultura verdadeira é a reunião das melhores criações humanas, pois, ela é o resultado da afirmação vital de um seletivo grupo de seres humanos; assim sendo, a verdadeira cultura resguarda todo o ímpeto essencial ao espírito alemão baseado em um aprofundamento no estudo do idioma nativo e no retorno aos clássicos. A pseudocultura é o afastamento das forças vitais humanas do aprofundamento necessário para produzir criações realmente nobres; a pseudocultura era a perspectiva cultural vigorante no contexto histórico vivenciado por Nietzsche, e a partir dela os estabelecimentos de ensino deixavam de lado as verdadeiras raízes alemãs (o idioma nativo e o estudo dos

clássicos), propondo-se a uma democratização do ensino e a uma aceleração na produção das opiniões em geral. É dada a clareza do que deveria ser a cultura, que se torna viável identificar as suas conseqüentes influências sob os estabelecimentos de ensino.

O vocabulário conceitual da verdadeira cultura é a seletividade daqueles que podem verdadeiramente compreendê-la e participar de sua constituição. Para Nietzsche, o fundamento dessa seletividade é a natureza e a sua tendência aristocrática, pois como esperar que a cultura seja justa, se a própria natureza não o é? Um exemplo disso são as criações artísticas, onde uma minoria consegue grandes feitos que perdurem por toda a história. O fundamento dessa conclusão sobre a natureza humana é o *eterno retorno*, o qual é o elemento que mantém o fluxo constante das forças humanas. Essas forças em constante *devir* são os instintos em que Nietzsche resume no conceito de *vontade de potência*; são esses instintos em constante devir e divididos injustamente que reverberam em todas as criações humanas.

A força provinda da *vontade de potência* é também o que move o ser humano a conhecer, é a partir dela que cultura e educação ganham os seus integrantes e o seu conteúdo. Nietzsche mostra que a natureza é injusta e seletiva, portanto, poucos são aqueles que são capazes de integrar o grupo dos destinados a reflexão e a alcançar os níveis mais altos de ensino. A ampliação ou a redução dessa máxima é contrária à natureza, que resulta em pseudocultura e fundamenta toda a miséria de existir. Os seletos homens que deveriam participar da verdadeira cultura são os gênios, os únicos que realmente conseguem alcançar e até ultrapassar os limites da condição de ser humano. São eles que produzem livros, arte, críticas e obras que, de modo geral, são incompreensíveis aos seus contemporâneos.

Pois bem, a metodologia de pesquisa será abordada de modo teórico-interpretativo mediante consulta bibliográfica. Tendo em vista os conceitos que serão abordados neste estudo, a estrutura básica da pesquisa será dividida da seguinte forma. No primeiro momento será tratada a relação de educação e cultura. Em seguida, abordaremos o fundamento da verdadeira cultura, que é a natureza e a sua constituição aristocrática. Na sequência, será explicitado o papel do gênio como repercussão de um ensino pautado em uma cultura verdadeira, tendo o estabelecimento de ensino e a crítica como seus principais fundamentos.

1. A GENEALOGIA COMO PRINCÍPIO BÁSICO DA CRÍTICA À CULTURA E À EDUCAÇÃO

O que é preciso para criticar? O que é necessário para que qualquer pessoa em suas atuais condições possa verdadeiramente criticar algo? Nietzsche fundamenta suas respostas a essas perguntas com o conceito de *genealogia*. A premissa sob a qual o filósofo firma o seu conceito é para ele também a demonstração dos principais erros dos filósofos: o erro de perspectiva histórica. Esse erro faz com que qualquer produção recaia em “um testemunho sobre o homem num espaço de tempo muito limitado” (NIETZSCHE, 2018, p. 26). Significa dizer que as afirmativas assumem um caráter dogmático, por não serem fundamentadas vigorosamente nas raízes do conceito discutido. A consequência disso são argumentos apressados, que pretensamente buscam a universalidade, a eternidade ou o que muitos chamaram de verdade.

O conceito de genealogia possui dois sentidos básicos: de uma filosofia da história e de uma metodologia, e apesar da aparente contradição, são complementares. O primeiro aspecto é a admissão de um sentido na história, distinto do concebido pela tradição, e que é quase cruel quando comparado a este, pois busca uma sinceridade extrema, como afirma: “De fato, haveria mais amabilidade, em lugar de nos atribuir crueldade, fazer correr o boato, por exemplo, de nossa ‘extravagante probidade’ (...)” (NIETZSCHE, 2017, p.155). O segundo aspecto, o metodológico, se refere à maneira de abordar a história, que busca ir até a gênese das criações humanas (dos seus valores), pois é preciso “(...) discutir o valor desses valores e por isso é totalmente necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se desenvolveram e nos quais se deformaram” (Idem, 2007, p.18). Existe uma circularidade entre esses dois sentidos, pois não existiria a possibilidade de uma filosofia da história sem princípios claros fundados na própria história, ou seja, um método histórico.¹

¹ O conceito de Genealogia é um dos mais vastos em Nietzsche, portanto, não se espera esgotá-la nessa breve exposição. Em teses como *O conceito de Genealogia em Nietzsche* de MOTA (2008) é possível ter uma abordagem mais pormenorizada do assunto.

Genealogia então é o fundamento da crítica nietzschiana. Qual o conceito que fundamenta a genealogia? O perspectivismo², pois nele reside todo o caráter das criações e das avaliações humanas. Portanto, os argumentos que buscam a verdade não são mais do que perspectivas humanas, resultados da própria estruturação fisiológica e intelectual dos seus autores (NIETZSCHE, 2018, p. 21). Nesse sentido, tudo se baseia no princípio de que o homem deve assumir a si mesmo como a fonte de estudo, introduzindo-se metodologicamente (ou genealógicamente) na análise dos seus valores e princípios. Todos esses aspectos possuem reincidência histórica antes de ser fruto da atual perspectiva. Em outras palavras, “tudo evoluiu; não há realidades eternas (...)” (idem, p. 26). Os conceitos, os valores, estão em constante evolução e descobrir a sua gênese histórica, como já foi explicitado, é função da genealogia.

Nietzsche estabelece um breve exemplo no primeiro capítulo da *Genealogia da Moral*. A moral é a métrica pela qual o homem decide. Assim sendo, suas estipulações funcionam como uma balança de pesos e contrapesos, em que pesa os valores que estão em jogo na escolha. Nesse sentido, a moral pode ser um sintoma de força vital ou fraqueza vital, pois dada as suas resoluções os resultados fisiológicos são iminentes. A moral enquanto afirmação é sinônimo de força vital, então, a aristocracia grega quando afirmava a si mesma e intitulava seus atos como bons demonstrava uma condição fisiológica nobre³, sua métrica é ativa. Por outro lado, quando Sócrates cria um “*além-mundo*” para julgar a partir dele o mundo material está exortando uma realidade que na prática não existe, tendo em vista que ela não é um ato ou uma criação humana, isso a configura apenas como um ressentimento, uma métrica reativa⁴. Dessa forma, o conceito de *bom* enquanto um adjetivo passa a ser o conceito de bem enquanto substantivo e é a partir dessa mudança que a cultura ocidental baseia seus novos valores (e por isso é tão passível de crítica aos olhos de Nietzsche)⁵.

² “Devas aprender a tomar o elemento da perspectiva que há em toda a avaliação — o deslocamento a distorção e a aparente teologia dos horizontes e tudo o que diz respeito a perspectiva” (NIETZSCHE, 2018, p.21). Toda a criação humana é a partir de um olhar do mundo, a partir de uma perspectiva do mundo, portanto, nenhum deles alcança uma verdade imutável, mas é ele mesmo uma verdade, um valor humano. A fundamentação desse conceito é a natureza e a sua tendência aristocrática, no capítulo 3 abordaremos esse tema.

³ (...)se baseiam numa vitalidade física poderosa, numa saúde em plena forma, até mesmo transbordante, para a qual contribui a guerra, as aventuras, a caça, a dança, os jogos em geral tudo o que implica uma atividade livre e alegre (NIETZSCHE, 2007, p.31).

⁴ “A rebelião dos escravos na moral começa com o fato de que o próprio ressentimento se torna criador e gera valores” (Idem, 2007, p. 34).

⁵ Capítulo primeiro do livro *Genealogia da Moral: “Bom e mau, Bem e Mal”* (Idem, 2007, p. 23-51).

Esse exemplo expõe uma análise histórica feita por Nietzsche. Ele retira o conceito de moral da atual forma como era vista na Alemanha, seja em Kant, Hegel entre outros e vai até as origens de seu nascimento na Grécia antiga. Obviamente, que a busca por esse percurso já desvela o interesse do filósofo no retorno ao estudo clássico, o qual ele tornará uma das exigências notórias para que a educação alemã volte a trilhar os rumos da verdadeira cultura, como mostraremos adiante.

2. CONTEXTO, CULTURA E EDUCAÇÃO ALEMÃ

Em 1871 foi realizada a unificação dos territórios alemães em um estado-nação, formando assim o Império Alemão, o qual elaborou uma nova constituição, novas ordens políticas e administrativas, que impactaram nos âmbitos social, econômico e cultural do país. Essas abruptas modificações incentivaram o nascimento de novas modalidades de ensino e novas finalidades para os níveis estudantis. O estado surge agora como um promulgador das tendências industriais, pondo acima de tudo o viés econômico. A ideia de ser humano do século XIX se vê cercada de necessidades ilusórias (como a imediata inserção no mercado de trabalho), as quais esmagam o poder criativo do homem e transformam a cultura tão somente em disseminação do cientificismo e de propaganda política, tendo os jornalistas como seus principais responsáveis.

Tendo em vista esse cenário histórico e as suas influências sobre o presente e o futuro da cultura e dos estabelecimentos de ensino alemães Nietzsche elabora os seus *Escritos sobre educação*. A obra é constituída por dois textos introdutórios com o tema relacionado ao futuro dos estabelecimentos de ensino. Além deles, cinco conferências, cada uma com um tema específico: a primeira aborda a relação entre cultura e educação; a segunda apresenta o ginásio como o epicentro do desenvolvimento cultural; a terceira aponta as causas do desvio do ginásio alemão da sua verdadeira finalidade; a quarta mostra o estado promulgador de cultura e as novas finalidades da cultura e da educação; a quinta apresenta o cenário da universidade alemã.

Nos textos introdutórios, Nietzsche expõe que o grande problema da educação alemã está ligado a cultura⁶. É dela que provém as influências que podem levar os

⁶ Este conceito em Nietzsche possui diversas acepções, mas, em geral, persiste o sentido por ele exposto em *A origem da tragédia*: “Desses estimulantes compõe-se tudo o que chamamos cultura: conforme a

estabelecimentos de ensino e a vida intelectual como um todo rumo a seu auge ou a sua destruição. A partir de seu contexto histórico, o filósofo afirma que são duas as tendências culturais que levam a destruição: “(...) de um lado a tendência à extensão da cultura e de outro lado, à sua redução e enfraquecimento” (NIETZSCHE, 2004, p. 44). A primeira versa sobre a expansão dos considerados intelectuais dentro da sociedade alemã e a segunda, introduz o afastamento dessa nova onda cultural chancelada pelo estado (a “pseudocultura”) da cultura verdadeira. Para compreender o argumento de Nietzsche é preciso entender as diferenças entre a cultura verdadeira e a pseudocultura. A cultura verdadeira é afirmação vital do ser humano, a exacerbação da vontade de potência. Também é capacidade de prescindir do tempo, de estar além do próprio tempo, portanto, ela é o contrário de toda a pressa contemporânea, como afirma: “(...) a agitação moderna (...) essa agitação é tão grande que a cultura superior não tem mais tempo para amadurecer seus frutos” (NIETZSCHE, 2018, p. 199).

Todas as grandes criações que perduram na história fazem parte deste conceito. Alta cultura é como uma dança que festeja a vitória do homem sobre si mesmo. Em resumo, ela é a afirmação da vida, que em Nietzsche significa a celebração da potência, da nobreza do homem: a arte, a filosofia, a contemplação. Nesse sentido para o filósofo alemão: “Reforçar em grande medida o elemento contemplativo faz parte, por conseguinte, das necessárias correções que devem ser realizadas no caráter da humanidade” (Idem, 2018, p. 199).

A partir do conceito de cultura verdadeira, os alemães poderiam buscar o espírito da reforma, da música e da filosofia que marcaram a sua história. E é também a partir da alta cultura que as escolas são os lugares aonde o aluno vai para adquirir cultura e ser ele próprio um traço de cultura; em outras palavras, é a formação de estabelecimentos de ensino capazes de fomentar as capacidades individuais dos alunos a partir da apresentação do patrimônio intelectual e material produzido pelo país. Um exemplo patrimonial alemão, Nietzsche encontra em Goethe: “não um acontecimento alemão, mas sim europeu: uma grandiosa tentativa de superar o século XVIII (...)” (NIETZSCHE, 2014, p. 104).

proporção das mesclas, teremos uma cultura preferencialmente socrática ou artística ou trágica; ou se se deseja permitir exemplificações históricas: há ou uma cultura alexandrina, ou então helênica, ou budista” (NIETZSCHE, 1992, p. 108). Em outras palavras, a cultura é a manifestação ativa de força vital ou a sua negação.

Em termos mais gerais, a verdadeira cultura começa na escola, que é o primeiro nível de ensino, passa pelas escolas técnicas e é no ginásio que chega ao seu apogeu, pois é nesse nível que seria realizado o aprofundamento da língua alemã e também, onde seria dado o início dos estudos clássicos (latim, grego, entre outros temas). Nesse sentido, o que a escola alemã precisava era renascer em si mesma, ou seja, através do espírito originário das escolas e os estudos clássicos fomentar o ímpeto natural do desenvolvimento humano em um novo espírito, como afirma Nietzsche: “(...) podemos esperar do futuro é uma renovação, um refrigério, uma purificação tão geral do espírito alemão, que estes estabelecimentos conhecerão por isso, numa certa medida, um novo nascimento e que tempo, depois, eles parecerão jovens e velhos(...)” (2004, p. 43). Tendo em vista essa união entre tradição e inovação espiritual, as escolas alemãs não necessitavam ser “atualizadas” (termo utilizado pela cultura jornalística da época e um dos fundamentos da pseudocultura amplamente criticada por Nietzsche).

A pseudocultura é o contrário da verdadeira cultura. Surge na modernidade e Nietzsche em um capítulo dedicado a “Crítica da modernidade” coloca que esse momento histórico é justamente “Depois que foram perdidos todos os instintos a partir dos quais nascem as instituições” (NIETZSCHE, 2014, p. 93). É a produção de opinião precocemente, o que representa a pressa contemporânea, a sua inquietação, e “por falta de sossego, nossa civilização corre para uma nova barbárie” (Idem, 2018, p. 199). Além disso, ela também é a criação de falsas necessidades: o cientificismo, o lucro, a democratização. Em suma, a pseudocultura é tudo aquilo que nega os instintos mais nobres do homem, ou seja, tudo aquilo que nega a verdadeira cultura.

A barbárie mencionada anteriormente como um sinônimo da pseudocultura pode ser entendida em algumas acepções e uma delas é personificada nas novas tendências implementadas pelo domínio do estado na sociedade, na cultura e na economia. Essas mudanças acarretaram abruptas modificações nas modalidades de ensino e em suas finalidades para cada nível estudantil. O ginásio, nesse contexto, deixava a sua função anterior de epicentro da formação cultural e passava naquele momento a ser o ponto culminante da educação científica. As necessidades do estado, que precisavam das mãos de obra especializadas para área militar e administrativa passavam a refletir nas atividades propostas nos estabelecimentos de ensino.

O dogma da economia política era vigorante na cultura: o lucro como o princípio das relações de saber. Uma cultura rápida gerava lucros. Uma cultura profunda (que agora era sinônimo de especializada) gera ainda mais lucros. Como consequência da especialização, os cientistas perdiam a capacidade de olhar para a cultura de uma forma geral, estando sempre presos as suas funções mais imediatas. Olhar para a cultura de maneira distanciada para abstrair dela críticas às quais muitas vezes eram incompreensíveis, assim era o papel do gênio. Porém, com as novas tendências culturais vigorantes não se formavam mais pessoas capazes de fazer o papel de alguém realmente genial. Com o lugar de crítico em aberto alguém deveria assumi-lo, mas se não existiam mais gênios sendo formados pelos estabelecimentos de ensino, restava aos jornalistas assumirem tal função e eles o faziam, como arautos da decadência.

Esse é o movimento tensional entre a verdadeira cultura sendo substituída pela pseudocultura, pautada nas imposições estatais e disseminada pela cultura jornalística. Esse novo caráter da cultura nacional resvalava na burocracia dos exames universitários e nas tabelas a serem seguidas pelos professores, que tomavam como práticas aceitas em todos os níveis de ensino. O resultado disso foi a miséria intelectual, a baixa capacidade de criação ou de qualquer elemento realmente áureo para o ser humano. Todos esses elementos formavam, na visão de Nietzsche, a pedagogia da época:

A pedagogia moderna nestes estabelecimentos eram então um misto de erudição e futilidade, de cientificismo e jornalismo, ela ajuda tão somente a formar os servidores do momento, mas não concorria absolutamente para formar os homens exigidos por uma cultura e levada, como protagonistas de um destino superior (NIETZSCHE, 2004, p. 16).

Outro nível de ensino que não passa despercebido as críticas de Nietzsche é o ensino superior. A grande massificação do ensino e o aumento de escolas primárias e ginasiais criaram necessidade de mais instituições de ensino superior. E dessa maneira, a maioria destes lugares formavam professores mal qualificados para a função, o que impactava na formação dos alunos. Para Nietzsche, poucas pessoas nascem com as capacidades de serem geniais e de terem suas aptidões revestidas em uma construção da alta cultura. O aumento das escolas de ensino superior apenas dava às pessoas medíocres a falsa sensação de viverem em um mundo movido pelo lucro, sendo eles, limitados a uma capacidade intelectual mediana ou inferior. O alinhamento entre as suas produções, o rigor e o entendimento das inclinações mais profundas do ser humano ocupou um dos aspectos centrais da crítica do filósofo alemão dirigida ao ensino

superior que, na sua visão, havia substituído esses aspectos por uma cientificidade em todas as áreas do conhecimento.

Ao criticar o afastamento dos estabelecimentos de ensino da verdadeira cultura, Nietzsche expôs como funciona o *modus operandi* de sua crítica também nas bases dos princípios educacionais que orientavam as instituições educacionais e formativas de sua época. A repercussão social em seu tempo é, como ele mesmo menciona em uma carta: “*entusiasmo e ódio*” (*Correspondência V*, p. 224, apud FRAGOSO, 1973, tradução nossa). O resultado da verdadeira cultura são os estabelecimentos de ensino voltados a maturação de poucos, mas grandes homens; algo que pode ser chamado de educação aristocrática. O embasamento de tal aristocracia educacional é a natureza, pois, ela é fundamentalmente aristocrática.

3. A NATUREZA ARISTOCRÁTICA

Na terceira conferência de *Escritos sobre Educação*, cujo tema central é as causas para o desvio do ginásio alemão da verdadeira cultura, Nietzsche busca fundamentar sua tese no fato de que “(...) para alcançar verdadeiramente a cultura, a própria natureza não destinou se não um número infinitamente restrito de homens” (NIETZSCHE, 2004, p. 88). Essa afirmação retoma nas condições históricas do passado e do presente a questão sobre qual a justiça presente nessa tal natureza⁷? Se pudermos arriscar a resposta é: nenhuma. O que sustenta essa injustiça é o próprio mundo. Ele é um aglomerado de forças caóticas, as quais não possuem nenhum pudor ou princípio de fim ou começo, e tais forças podem ser chamadas também de instintos. São eles que subsistem por trás de todas as ações humanas. Os instintos estão sempre se digladiando no mundo. Portanto, não existe uma ordem definida por algum ser “além-mundo” ou alguma recompensa celestial por boas ou más ações. Esses instintos são, em resumo, poder, pois deles derivam todos os empreendimentos humanos. Em outros termos, o sentido humano é definido por sua vontade de potência, pela força de seu instinto.

⁷Natureza para Nietzsche é poder, dominação, subjugação, expansão, em resumo, vontade de potência. É isso que faz ela ser injusta o que, conseqüentemente, gera um teor aristocrático em todas as criações humanas (exemplo delas é a cultura e a educação).

Como motor cósmico, psicológico ou até mesmo metafísico, a grande referência desse fluxo constante das relações é o eterno retorno⁸. Assim, Nietzsche expõe o eterno retorno dessa forma: “Ó Zaratustra! — me segredava em tom chocarreiro, batendo as sílabas. — Pedra de sabedoria atira-te ao alto, mas toda a pedra atirada tem... que tornar a cair (...) atiraste a muito longe a pedra..., mas tornará a cair em cima de ti” (NIETZSCHE, 2016, p. 163).

Esse cenário desigual e injusto propiciado pela natureza é inclusive o primeiro argumento de Nietzsche contra a pseudocultura alemã: “(...) as mais graves fraquezas de nosso tempo estão justamente ligadas a estes métodos antinaturais de educação” (NIETZSCHE, 2004, p. 43). O filósofo quer dizer com isso que o método seguido na Alemanha foge da valorização dos instintos e da potência dos alunos e, conseqüentemente, elabora escolhas pedagógicas que estão na contramão da natureza das coisas. Então, o resultado disso era abrir mais escolas, mais universidades, mais ginásios e diminuir diametralmente a qualidade dos alunos, professores e todos aqueles que nesses estabelecimentos tivessem participação, e dessa forma, todos eles se renderiam a natureza. A quantidade de pessoas apenas seria um acréscimo na camuflagem do gênio, até que ele saia do meio da multidão e mostre todo o seu poder.

O mundo é injusto e a sua fórmula de medida é à vontade potência⁹. O próprio ato de conhecer sendo entendido como um desvelar da vontade de potência é poder de subjugar algo. Não existe a possibilidade de uma força conhecer a outra força, dada por uma impossibilidade natural da constituição de ambas, e também pela conjuntura geral da natureza, o permanente *devoir* do mundo que carrega as forças uma para longe da outra. Conhecer é poder sob uma determinada coisa. Ou em outros termos conhecer é uma perspectiva sobre determinada coisa. Se a coisa é ou não uma substância, não é isto que está em jogo, pois de igual modo ela estará a serviço daquele que a domina:

O conhecimento trabalha como instrumento da potência (...) a medida da vontade de conhecer depende da medida do crescimento da vontade de potência da espécie; uma espécie se apossa-se de uma quantidade de

⁸É digno de nota que a teoria do eterno retorno é por si só fonte inesgotável de discussão. Desde o Eclesiastes na bíblia até os ensinamentos das religiões orientais é possível notar a presença deste conceito. De Kaufman até Deleuze essa discussão foi reelaborada tendendo entre os sentidos supracitados: cosmologia, metafísica e psicologia. Até mesmo em Nietzsche essa discussão vai e volta, passando despercebido em alguns escritos, mas sendo salutar em outros como em Assim falava Zaratustra, A origem da tragédia e outras. É, portanto, um assunto vasto, mas que não corrobora diretamente nas implicações deste trabalho.

⁹ Esse conceito resume todas os instintos humanos que fazem sua potência vital pulsar.

realidade para se tornar senhora dessa realidade, para pô-la a seu serviço (NIETZSCHE, 1966, p. 283).

Com essa tese, Nietzsche, almeja destruir com “marteladas” os conceitos de liberdade, autonomia e maturidade propostos por Kant e outros idealistas. O que resta ao homem é a sua potência, os seus instintos naturalmente aristocráticos¹⁰. São eles que ditam a sua capacidade de conhecer. Portanto, quanto mais potência, mais conhecer, mais sentir, mais nobreza: esse é o fundamento da aristocracia em Nietzsche. Algo que parte por três vias distintas: ontológica, cultural e pessoal; e por fim, ressurgue sempre sobre sua via principal, a injustiça natural. Poucos homens terão a capacidade de verdadeiramente adentrar na cultura, pois todo e qualquer valor nobre surge da injustiça, da diferença, da perspectiva e da aristocracia:

Toda a elevação do tipo “homem” foi até agora obra de uma sociedade aristocrática — e sempre será assim: de uma sociedade que acredita em uma longa na hierarquia e nas diferenças de valor de homem a homem e que tem necessidade de escravidão num sentido ou no outro (NIETZSCHE, 2017, p. 187).

Esclarecido o fundamento da aristocracia e como ele aparece a cada instante da existência pela tendência natural, é preciso compreender qual a sua relação com a crítica de Nietzsche. A questão é o que poderia Nietzsche fazer da sua atual posição de professor na Basileia e depois de escritor, para expor ao mundo suas descobertas? Criticar o mundo em si mesmo. Ele não poderia enfrentar todos à força, não poderia mudar todos os séculos da história, não poderia mudar uma linha sequer do pensamento de alguém. A única coisa que lhe restava era o poder da crítica. Por conta disso os seus livros são recheados de críticas, pois essa era a sua potencialidade. Um poder para poucos, ou talvez, em seu tempo, só para ele. Um poder naturalmente aristocrático como qualquer outro. Assim sendo, as produções de Nietzsche sobre a educação e outros temas são “antes de tudo, e no final de contas, uma crítica da forma contemporânea do humano” (KARL, 1969, p. 367).

A partir da reflexão sobre a relação entre o poder da crítica e a natureza aristocrática é possível compreender um pouco mais a solidão tanto enfatizada por

¹⁰A aristocracia em Nietzsche pode ter três sentidos básicos: cultural, quanto a nobreza e as suas criações; natural, quanto a vontade de potência sendo algo injustamente dividido; e por fim, individual, no sentido de que não existe um eu, mas sim, uma hierarquia de potências, sendo os aristocratas aqueles com a maior potência. Ambos os sentidos se complementam, pois partem do mesmo fundamento: a natureza injusta. Dada a extensão do tema não se pretende finalizar as discussões sobre esse conceito. Uma abordagem mais pormenorizada pode ser encontrada em *A defesa da aristocrática em Nietzsche* de PEREIRA (2006).

Nietzsche: “Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experiências, o caminho ainda é longo até aquela imensa segurança e transbordante saúde, que não pode prescindir da própria doença como meio e anzol de conhecimento (...)” (NIETZSCHE, 2018, p. 19). Esse é o caminho até a liberdade de espírito, até a genialidade delineada, até a verdadeira cultura, onde tudo é potência, mesmo a dor. Essa conclusão servia existencialmente para o próprio Nietzsche.

Clarificada a gênese da crítica e também a sua relação com a natureza aristocrática, a conclusão é de que naturalmente todas as potências são aristocráticas, pois todas são fundadas em uma natureza injusta. Portanto, a crítica também é uma potência. Logo, é possível inferir inúmeras conclusões em qualquer âmbito da vida humana, como mostraremos no próximo tópico, direcionando o problema para o âmbito da educação: como a aristocracia está presente na educação? E qual o papel da crítica para o gênio (o aristocrata) mediante a educação e a cultura? Qual a relação entre educação, gênio e crítica? É imprescindível responder cada pergunta de modo a entender como estão inter-relacionadas.

4. A ARISTOCRACIA NA EDUCAÇÃO

A partir do entendimento da natureza e do teor aristocrático educacional do século XIX, naturalmente os alunos seriam classificados entre piores ou melhores em determinadas atividades. Alguns, inclusive, não teriam a mínima disposição para estarem no ambiente de ensino. É notório, portanto, que a tendência seguida de democratização do ensino e de ampliação do número de universidades promulgada pela Alemanha em seu tempo assustasse de fato Nietzsche. Mas, isso não se dava porque o pensador imaginava que a educação das massas deveria acabar, pois, ela deveria existir, afinal, é se diferenciado das massas que o gênio aparece. No entanto, o grande problema é a massificação da cultura, dado que as ferramentas que vão fomentar o gênio e tirá-lo do estado de servidão se tornariam escassas.

Aprofundando mais esse aspecto não é que o estado ou outras instituições sejam a causa definitiva da servidão dos homens aos *slogans* jornalísticos na educação; não é como se essa massificação, que nasce das necessidades econômicas e suas finalidades, fosse o principal causador do aprisionamento do homem em seu estado de rebanho... Na

verdade, o gênio, um aristocrata, alguém que cultiva suas individualidades fundamentalmente, não irá se entregar a esse regime de rebanho, pois, cabe tão somente ao indivíduo ser livre de tais amarras, como afirma Nietzsche: “Nossas instituições nada mais valem: sobre isso se é unânime. Mas isso não se deve a elas, mas sim a nós” (NIETZSCHE, 2014, p. 93). Mas, por que alguns daqueles que possuem potência para serem gênios não buscam efetivamente essa vida? Às vezes preferindo viver sobre a tutela de outros seres humanos? As respostas podem variar: medo, a indeterminação de admitir que se é vontade de potência; conveniência, para quê sair da zona de conforto proporcionada pelo pastor? Essas perguntas tem o mesmo teor das que cercam os dois rapazes na narrativa criada por Nietzsche nas cinco conferências presentes em seus *Escritos sobre educação*. Tais perguntas puderam ser assim resumidas:

“As suas dúvidas são análogas às do jovem professor. Seus argumentos são típicos de tudo o que o filósofo, pejorativamente, intitula como "atual". Os universitários crivam-no de perguntas. Entre a massa e os poucos homens cultos, não haveria infinitos graus intermediários? Onde começaria o que o filósofo considerava a verdadeira cultura? Como estariam separadas as esferas da massa e a do pequeno número? Seria possível a criação de estabelecimentos de ensino somente para o pequeno número de eleitos? Os gênios não dispensariam as muletas da cultura e da educação? Lessing e Winckelmann haviam retirado algo da cultura alemã? E no caso de Beethoven, de Schiller e de Goethe? O reconhecimento do gênio seria um privilégio exclusivo das gerações posteriores?” (FRAGOSO, 1973, p. 291, tradução nossa).

A resposta do personagem que caracteriza o filósofo para os rapazes foi um acesso de cólera. Ao fazerem essa pergunta, os rapazes mostraram não ter compreendido nada do que era realmente o processo educativo. A incerteza, o medo, apenas mostra que não reconhecem em si a vontade de potência que pulsa constantemente. Então, a educação aristocrática não é para eles. Bons alunos para a educação aristocrática são aqueles que buscam a perfeição, que não articulam conclusões antes de saberem o significado das palavras que as compõem. O professor deveria ser o mestre, o qual, por sua vez, em uma educação como essa teria justamente esse papel: o de corrigir a tendência à fraqueza humana, direcionando-a a sua tendência aristocrática. Leva assim os alunos ao conhecimento profundo das matérias e de si mesmos. O contrário disso apenas levaria a futilidade, a banalidade e a miséria de existir.

A educação em Nietzsche tem como objetivo maturar o gênio e o seu papel é o de rumar à verdadeira cultura. Um gênio é tal qual um compositor original, que toca em

vias de atingir as emoções de quem o ouve, mas não tem controle sobre tais emoções, e nem quer ter, pois o seu papel é exatamente esse: ser uma voz dissonante, um olhar que irradia tanto brilho que pode e até deve não ser compreendido por seu tempo. Então, como uma formulação final, que conceitua a educação aristocrática, ela pode ser entendida como a formação de um indivíduo ciente de suas individualidades, buscando o máximo de desenvolvimento delas. Não é uma educação fácil, isto porque ela não é uma educação para todos, mas para os gênios.

4.1 A CRÍTICA E O GÊNIO

A educação adequada para os gênios é a aristocrática, tal qual a própria a natureza o é. Mas quem é o gênio? É alguém plenamente capaz de sentir e expressar a sua vontade potência. O que isso significa na prática? É o completo exaurimento da condição humana, é a sua elevação aos graus mais altos de conhecimento e distanciamento da maioria. Um gênio não poupa a si mesmo na reflexão e na ação, em tudo vai até o fim, assumindo até as últimas consequências possíveis de uma ideia. Nietzsche resume o gênio no livro *O crepúsculo dos ídolos* (2014, p. 98):

Costuma-se chamar isto de "sacrifício"; é célebre o seu "heroísmo" em meio a este sacrifício, sua indiferença frente ao próprio bem-estar, sua entrega a uma ideia, a uma grande ideia, à pátria: tudo mal entendidos... Ele extravasa, ele transborda, ele se consome, ele não se poupa - com fatalidade, faticamente, involuntariamente como a irrupção de um rio por sobre as suas margens é involuntária.

Tendo em vista que a natureza é aristocrática e percebendo por conta disso que a tendência massificadora não resultará em nada além da futilidade, o lucro e decadência cultural, o que sobra às pessoas são duas vias: “a escolha da primeira via lhes proporcionará: a aceitação, os títulos e os aplausos de uma multidão, comandada por ‘slogans’. A outra opção os situará fora do tempo e do momento” (FRAGOSO, 1973, p. 291, tradução nossa).

Nessa dicotomia está apresentada a relação antagônica entre uma ovelha e um gênio. O primeiro abraça sua cultura decadente trocando com ela afagos por suas dores; o segundo, por sua vez, se rebela contra isso ativamente através de sua capacidade crítica buscando sempre a verdadeira cultura, pois “as grandes coisas são reservadas aos grandes, as profundas aos profundos, as delicadezas e calafrios às almas sublimes, numa palavra, tudo o que é raro aos seres raros” (NIETZSCHE, 2017, p. 57). Esse é o gênio:

alguém situado em um patamar tão elevado, que está fora do tempo e do momento e por conta disso é incompreendido em sua cultura. Eis a relação da crítica com o gênio: ela é a personificação da singularidade de sua voz. A exaltação de um gênio é diferente do conceito comum: é justamente o fato de não ser compreendido que configura a sua exaltação.

4.2 A CRÍTICA, A EDUCAÇÃO E O GÊNIO

Seguindo a trilha conceitual traçada pela pesquisa, a crítica é fundamentada pela *genealogia*, um elemento ressonante da vontade de potência. Como qualquer outro elemento ressonante da vontade de potência, a crítica é uma faceta da natureza aristocrática. Sua função na educação começa com o papel do gênio para o âmbito cultural, o qual é o de ser uma voz dissonante, que é exaltada pela sua diferença em relação às outras vozes. Por fim, qual a relação entre os três conceitos chaves, que estão fundamentados nas teses de Nietzsche?

A educação aristocrática proporciona ao gênio as ferramentas e incentivo necessários para que ele tenha uma crítica capaz de superar o seu tempo. Assim, a educação possibilitaria a saída do homem do estado de servidão (tal qual o estado dos alemães descritos no primeiro capítulo) para o estado de *grande indivíduo* (o conceito de gênio). Assim, os estabelecimentos de ensino formariam críticos deles mesmos e da cultura em geral. A crítica é uma faceta da natureza aristocrática a partir da qual o gênio pode se diferenciar dos demais, tornando-se promulgador da verdadeira cultura, modificando positivamente seu âmbito educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas conclusivas, a leitura das obras de Nietzsche permite algumas conclusões que consideramos importantes para o debate sobre o currículo da escola contemporânea. Antes de tudo, é preciso esclarecer que as obras de Nietzsche possibilitam diferentes interpretações que, em alguns casos, estão eivadas de ressignificações por parte de seus críticos, principalmente quanto aos traços característicos do sistema educacional de sua época. É preciso dizer que toda a

contextualização entre o sistema educacional do século XIX e do século XXI precisa resguardar as devidas contextualizações em seus limites e possibilidades.

Resguardadas as devidas precauções de análise dos dois períodos históricos, é possível notar atualidade do pensamento de Nietzsche quando defende a qualidade do ensino oferecido pelos estabelecimentos educacionais como princípio fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. A multiplicação de instituições de ensino e a precarização da atividade docente seja no passado, como no presente, são fatores de risco ao ideal de uma educação de qualidade e para a formação de espíritos livres e emancipados, a formação profissional, a profundidade das coisas que aprendemos e ressignificamos ao longo da vida.

A perspectiva de Nietzsche possibilita algumas aproximações do contexto educacional contemporâneo brasileiro. Será que a multiplicação dos estabelecimentos de ensino e dos meios de socialização de conhecimento realmente levará a humanidade a uma cultura melhor e uma educação mais qualificada no futuro? Muito tempo se passou desde que Nietzsche ponderou essa pergunta e suas possíveis respostas. O processo de democratização do ensino está articulado à conjuntura de dificuldades do presente, marcado pelas transformações da sociedade operada pelo cientificismo, pelo capitalismo, pelo surgimento de novas tecnologias e globalização dos conhecimentos e da informação. A preocupação de Nietzsche sobre o futuro das instituições educacionais persiste, sobretudo quando está em discussão o currículo integrado, a formação dos estudantes e a preparação dos alunos para a vida profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Rosa. **Cultura e Educação no Pensamento de Nietzsche**. In: Impulso. Piracicaba, v. 12, n. 28, p. 33-40, 2001.

FRAGOSO, Miryam. **Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement**. Texte établi par Giorgio Colli et Mazzino Montineri. Traduit de l'allemand par Jean Louis Backès. Paris, Gallimard, 1973 (154 p.)

KARL, Lowit. **De Hegel à Nietzsche**. Paris: Editions Gallimard. 1969.

MOTA, Thiago. **O conceito de genealogia**. França: Universidade de Toulouse, v.1, n.2. 2008.

PEREIRA, Rafael. **A defesa da aristocracia em Nietzsche**. Rio de Janeiro: Puc. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. 1º edição. São Paulo: LaFonte. 2017.

NIETZSCHE. **Assim falava Zaratustra**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2016.

NIETZSCHE. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Edição de bolso. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

NIETZSCHE. **Ecce Homo**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova fronteira. 2016.

NIETZSCHE. **Escritos sobre Educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2004.

NIETZSCHE. **Genealogia da Moral**. 1º edição. São Paulo: Escala. 2007.

NIETZSCHE. **Humano demasiado humano**. 1º edição. São Paulo: LaFonte. 2018.

NIETZSCHE. **O nascimento da tragédia**. 2º edição. São Paulo: Companhia das letras. 1992.

NIETZSCHE. **Vontade de potência**. Rio de Janeiro: Tecnoprint. 1966.

Recebido: 4/7/2020. Aceito: 24/11/2020.

Autores:

Marcos Vinícius de Oliveira Monteiro - Discente do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus I, CCSE – Belém do Pará.

E-mail: Ryuzaki_mddm@outlook.com

Marcos Murrelle Azevedo Cruz - Docente-orientador, professor de Filosofia na Universidade do Estado do Pará, UEPA, Campus I, Belém-Pará.

E-mail: marcosmurrelle@gmail.com